
COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008. (Folha Explica)

No livro “A cultura digital”, discute-se um pouco sobre a cultura digital que impacta todos nós através dos aparelhos de celulares, das TVs, rádios digitais e da grande rede na sociedade, o que termina interferindo nos nossos modos de relação, interação e consumo.

No primeiro capítulo, “Que cultura digital é essa?”, apresenta-se ao leitor a ideia de que a cultura digital esta ao nosso redor e compõe nossas relações no dia a dia, seja no uso do celular, do caixa eletrônico, notebook... E, ao contrário do que muitos possam pensar, não se encontra somente no ciberespaço. Esses ambientes, ou melhor, interfaces, viabilizam a presença da cultura digital enquanto propriedade do nosso próprio existir e se relacionar.

Nesse e nos capítulos seguintes, vão-se apresentando várias situações cotidianas que representam essa cultura digital que nos envolve e que a envolvemos no nosso cotidiano. Desse modo vamos sendo conduzidos ao pensamento de que a cultura digital não é produzida somente pelo acesso e uso do computador e da internet, ao contrário desse senso comum, essa cultura vai se constituindo por meio de outras tantas tecnologias somadas aos nossos modos de apropriação.

Estendendo essas interconexões entre sujeito e interfaces, apresentam-se outras situações que constroem a interatividade, isso, a partir de programas como televisivos como o “show do milhão”, “big brother Brasil”, “a casa dos artistas”, “intercine”, bem como outras séries de programas que usam a interatividade para aproximar seu telespectador ao programa apresentado.

Entretanto, esses programas interativos, sejam das TVs ou Rádios, trazem um problema que acompanha as informações que são postas na grande rede: Quem garante que os resultados apontados pelas emissoras são reais? Quem garante que as informações postas nas comunidades, nos sites (ainda que considerados seguros) sejam exatos? Essa fragilidade, talvez, se constitua

como uma das fissuras dessa nossa cultura digital que, assim como nossa cultura presencial, apresenta instabilidades.

Outro ponto que o livro possibilita pensar é que o presencial não expelle o virtual, ao contrário, lança mão desse recurso como uma complementação, basta ver o tanto de programas televisivos que indicam aos seus telespectadores a participarem de momentos de discussão no site do programa. Nesses casos, podemos perceber uma convergência de ferramentas disponíveis ao internauta, bem como telespectador.

No segundo capítulo, reflete-se sobre os excessos dessa cultura digital, tal como os inúmeros produtos que circulam nesses ambientes digitais ampliando, ainda mais, essa ideia do consumo fácil a um click do sujeito.

Apresenta-se o dilúvio de informações que tipificam o ciberespaço, indicando o trabalho que é encontrar a informação certa frente à enxurrada de outras tantas informações que aparecem nos buscadores, ferramentas tão utilizadas pelos internautas. O referido autor aponta, também, as ferramentas que vão surgindo para auxiliar o internauta nessa localização na internet (algumas com finalidades comerciais... outras com finalidades de auxílio gratuito), bem como na ação de deletar o que não se quer na grande rede e nos sites específicos.

No terceiro capítulo, “As comunidades virtuais”, discutem-se algumas personalidades que discutem a web, bem como algumas funções esperadas pela grande rede. O autor continua discutindo sobre a comunidade virtual entendendo-a como filtro que pode ser consultado por qualquer pessoa.

Afinal, as comunidades criadas como grandes formigueiros auxiliam nessa filtragem do que se pretende encontrar, bem como se localizar. Dentro dessa ideia de grupos, o autor aponta outra importante característica dessa cultura digital, a mobilidade. No espaço domiciliar, estamos cercados de fios e tomadas, entretanto, a tecnologia tem nos oportunizado se locomover sem fios, é o que o autor chama de comunidades sem fio.

No encerramento do livro, entende-se que a cultura digital se confunde com as senhas, mensagens e logins que se espalham pelas mais diferentes interfaces, o que o faz informar que quem tudo vê, de qualquer lugar pode ser visto, ou seja, a cultura digital aproxima o presencial do não presencial.

Nelson de Jesus Teixeira Junior

Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz.
j-nelson2004@ig.com.br

